

#cm

2

TERÇA-FEIRA

O OSCAR DE NOSSA GENTE

Hollywood tem o Oscar; a França, o César; a Espanha, o Goya; e o Brasil tem **Grande Otelo**. O icônico ator, com **quase 120 filmes na carreira**, dá nome à **maior premiação do cinema brasileiro**, que chega nesta terça (4), no Theatro Municipal, à sua 25ª edição. **‘O Agente Secreto’, de Kleber Mendonça Filho, concorre em 18 categorias.** ‘Homem com H’ (12), ‘O Último Azul’ (11), ‘Manas’ (10) e ‘O Filho de Mil Homens’ (10) **aparecem na lista de maiores indicados.** Páginas 2 e 3



O Último Azul



Homem com H

Theatro Municipal acolhe nesta terça a festa de entrega troféu Grande Otelo, em celebração a 25 anos da Academia Brasileira de Cinema, tendo ‘O Agente Secreto’ com mais indicações

Tapete vermelho para o cinema do Brasil

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Embora oscile de fonte em fonte, o total estimado de filmes com a presença ilustre do mineiro Sebastião Bernardes de Souza Prata (1915-1993) é de 118, uma quantidade notável, que por si, já seria suficiente para que seu pseudônimo, Grande Otelo, batizasse o troféu apelidado de “o Oscar do cinema nacional”. A escolha de seu nome, contudo, transcende estatísticas, embora não deixe de lado as cifras do tanto de gente que ele levou a salas de projeção, com seu humor maroto ou, vez ou outra - como em “Rio Zona Norte”, de 1957 -, com sua habilidade de traduzir num sorriso a resiliência contra o racismo das populações pretas deste país. É noite de seu nome ser clamado uma vez mais... de novo no Theatro Municipal, que já abraçou a premiação muitas vezes, em prol do sonho de um projeto cinematográfico industrial autossustentável em nossa nação. A cerimônia começa às 20h15 desta terça, apresentada (em família) pelas atrizes Marieta Severo e Sílvia Buarque, mãe e filha, com transmissão ao vivo pelo Canal Brasil, na TV.

OS FILMES COM MAIS INDICAÇÕES DA COMPETIÇÃO DESTE ANO

“O Agente Secreto”	18
“Homem com H”	12
“O Último Azul”	11
“O Filho de Mil Homens”	10
“Manas”	10

Por justo merecimento, Grande Otelo dá nome à maior premiação do cinema brasileiro



Manas



O Filho de Mil Homens



O Agente Secreto

Há sempre um tema central a costurar a festividade, quase sempre um homenageado como se fez com Carlos Diegues (1940-2025), em 2012 - numa recriação da Caravana Rolidei de seu “Bye Bye Brasil”, de 1980 -, e com Domingos de Oliveira (1936-2019), em 2014, numa doce reconstituição do tom romântico de seus longas-metragens. Celebra-se desta vez o aniversário de 25 anos da própria premiação e, com ela, comemora-se a luta da Academia Brasileira de Cinema na defesa de nossa produção, brigando por mais ocupação de tela.

Seu Grande Otelito segue os moldes do que a França faz no Troféu César e do que a Espanha faz com os Goya. Ambos ampliam a visibilidade de seus competidores e afeiçoam o público de suas pátrias ao que elas produzem para as telas.

Ao todo, 2.140 profissionais concorrem ao Prêmio Grande Otelito 2026. No evento desta noite, serão anunciados 32 prêmios para longas, curtas-metragens e séries brasileiras. Ao todo, 31 produções serão escolhidas pelo amplo júri formado por profissionais associados à Academia Brasileira de Cinema, além do disputado Grande Otelito de Melhor Filme pelo Júri Popular, escolhido pelo público por meio de votação aberta realizada no site da

Academia.

Foram 287 inscrições, entre 162 longas — 82 filmes de ficção, 59 documentários, 7 filmes do gênero infantil, 4 longas de animação e 10 ibero-americanos indicados pelas Academias que fazem parte da Fiacine (Federación Iberoamericana de Academias de Artes y Ciencias Cinematográficas); 59 curtas — 21 de ficção, 26 documentários e 12 de animação; e 66 séries — 24 de ficção, 34 documentários e 8 de animação. Todos os títulos registrados podem ser conferidos no site da Academia Brasileira de Cinema.

Favorito da noite, o sucesso de bilheteria “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, que brigou por quatro Oscars em março, é o recordista de indicações a este Grande Otelito: 18 ao todo. O thriller ambientado em 1977 disputa os troféus de Melhor Longa de Ficção, Direção (Kleber), Ator (Wagner Moura), Atriz Coadjuvante (Alice Carvalho e Hermila Guedes), Ator Coadjuvante (Carlos Francisco, Gabriel Leone e Robério Diogenes), Roteiro Original, Direção de Fotografia, Direção de Arte, Figurino, Maquiagem, Montagem de Ficção, Efeitos Visuais, Som e Trilha Sonora. Além disso, por integrar a lista dos cinco finalistas de Melhor

HISTÓRICO DE VENCEDORES DO GRANDE OTELO	
2002	Bicho de Sete Cabeças
2003	Cidade de Deus
2004	O Homem que Copiava
2005	Cazuza – O Tempo Não Para
2006	Cinema, Aspirinas e Urubus
2007/2008	O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias
2009	Estômago
2010	É Proibido Fumar
2011	Tropa de Elite 2
2012	O Palhaço
2013	Gonzaga – De Pai para Filho, de Breno Silveira
2014	Faroeste Caboclo
2015	O Lobo Atrás da Porta
2016	Que Horas Ela Volta?
2017	Aquarius
2018	Bingo – O Rei das Manhãs
2019	Benzinho
2020	Bacurau
2021	A Febre
2022	Marighella
2023	Marte Um
2024	Pedágio
2025	Ainda Estou Aqui

Longa de Ficção, também concorre ao Grande Otelito de Melhor Filme pelo Júri Popular. Kleber é sempre uma aposta quente, diante de seu rol de invenções narrativas.

Várias casas no Rio já escutaram “E o Grande Otelito Vai para...” desde que a láurea foi criada, no coração da Retomada, termo usado para designar o período compreendido entre 1995 e 2010, de “Carlota Joaquina” a “Tropa de Elite 2”, quando nosso cinema recobrou suas forças após o desmonte decorrente do sucateamento da distribuidora de economia mista Embrafilme (1970-1990). Era ela que assegurava a circulação de nossos títulos em circuito, levando-os também ao exterior. No que ela fechou as portas, a atividade reduziu-se quase a zero, renascendo há 31 anos, com o apoio da Lei do Audiovisual e editais afins.

Nesse tempo de estrada, a cerimônia do Grande Prêmio viveu situações inusitadas. Em 2003, foi incumbido ao diretor de teatro Ivan Sugahara a tarefa de pilotar uma festa em homenagem ao então presidente da Academia, Roberto Farias (1932-2018), com foco num de seus muitos blockbusters: “Roberto Carlos Em Ritmo de Aventura” (1967) e seu duplo, “O Diamante Cor De Rosa”, de 1969. Sugahara

fez do Odeon uma jukebox viva, com a imagem de José Lewgoy (dublado por Waldyr Sant’Anna) na telona, surpreendendo a plateia. Quando o fotógrafo Walter Carvalho foi ao palco pegar seu troféu, ele perguntou: “Quem fez isso aqui? Ficou bom pra caramba!”. Naquela mesma edição, “O Homem Que Copiava”, de Jorge Furtado, disputava láurea a láurea com “Carandiru”, de Hector Babenco (1946-2016). Ao buscar seu troféu de Melhor Realização, esse artesão argentino de Mar Plata (naturalizado paulistano na década de 1970) foi atacado pelo diretor de “Amarelo Manga”, Claudio Assis, aos gritos, a berrar, em fúria, a palavra “Escroto!”, movido pela hipótese de uma fala xenófoba de seu colega vencedor. Qual um lorde, Babenco disse apenas: “Que pena, Claudio. Gosto muito do seu filme”.

Meses depois, veio uma nova edição de Sugahara, agora com holofotes sob Paulo José (1937-2021), que levou a Cinelândia às lágrimas ao contar uma história sobre o nariz de Macunaíma, personagem que viveu em 1969. Outro acerto do teatro em flerte com o cinema.

Em 2009, o Grande Otelito foi puro amor conforme “Estômago”, vindo da Berlinale, assegurava reconhecimento a seus feitos. Foi uma noite de beijaços por todo lado, com casais ilustres que se formaram para a vida.

Em 2013, na Cidade das Artes, Júlio Andrade fez um discurso comovente sobre inclusão ao ver “Gonzaga, De Pai Para Filho” vencer. No calor do Golpe, no auge das eleições de 2018, Vladimir Brichta foi coroado com “Bingo, O Rei das Manhãs”. Fez os agradecimentos devidos e, com o povo já rendido a seu carisma, cravou: “Bingo, sim! Bozo, sim! Bozonaro, nããããã!!!”.

O mais recente Grande Otelito reverenciou nosso ganhador do Oscar “Ainda Estou Aqui”, dando a Walter Salles honrarias mais do que merecidas. O episódio mais tocante, contudo, foi o choro do menino Isaac Amendoim, o Chico Bento, ao ver a consagração de “A Goiabeira Maraviosa” na briga por Melhor Longa Infantojuvenil.

Vejamos o que esperar deste Grande Otelito.

Olhos abertos

para Locarno

Festival suíço inaugura sua 79ª edição nesta quarta com 'Les Yeux Verts', aventura em francês com tons oníricos, que abre espaço para uma competição onde o Brasil busca prêmios



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Caberá a uma criança, Douae Butarbuch Mzaouki, abrir as cortinas do 79º Festival de Locarno, nesta quarta-feira (5), na Suíça, no papel de Chaya, a protagonista de "Les Yeux Verts", filme de abertura das atividades na Piazza Grande, o centro do evento... e dessa cidade que faz do italiano o seu idioma principal.

Aos 11 anos, Chaya vive com a família na região de Landes, na França, à beira-mar. Quando seus parentes descobrem que serão despejados, o irmão mais velho da guria, Nour, mergulha em um sono profundo e misterioso. Chaya fará de tudo para despertá-lo, chegando até mesmo a entrar em seus sonhos para encontrá-lo. Esse tom onírico, impresso no longa-metragem pela dupla de cineastas Fanny Liatard e Jérémy Trouilh, alinha-se com as ambições da direção artística da maratona cinéfila organizada sob a curadoria de Giona A. Nazzaro, um crítico de Zurique.

Desde que assumiu as rédeas de Locarno, Giona ampliou ainda mais esse diálogo com o Brasil. Em sua primeira edição no comando, premiou o curta-metragem carioca "Fantasma Neon", de Leonardo Martinelli, e manteve espaço constante para a cinematografia nacional. Em seu segundo ano, 2022, o Leopardo de Ouro de longas foi para as mãos de Julia Murat, por



Izaquiel (Caique Copque) é o protagonista do thriller queer 'A Margem do Rio'



A pequena Chaya em 'Les Yeux Verts', longa de abertura do festival

CONCORRENTES AO LEOPARDO DE OURO

"A MARGEM DO RIO", de Matheus Farias e Enock Carvalho (Brasil/Alemanha);

"ALBERI ERRANTI", de Salvatore Mereu (Itália);

"BRAVE NEW LOVE", de Maria Bäck (Dinamarca/Suécia/Grécia);

"D'ICI LÀ", de Sarah Leonor (França);

"I RARELY WAKE UP DREAMING", de Isabelle Stever (Alemanha/Ucrânia);

"KETTICÈ", de Giovanni Tortorici (Itália);

"LEJOS DE LOS ÁRBOLES", de Meritxell Colell Aparicio (Espanha/Peru/Itália);

"MANHUNT", de Wayne Wapeemukwa (Canadá);

"NU E LOCUL TAU AICI", de Florin Serban (Romênia);

"NUN DUL DEGA EOMNE (NOWHERE TO LAY MY EYES)", de Hong Sang-soo (Coreia do Sul);

"O JACARÉ", de Basil Da Cunha (Suíça/Portugal);

"OBJET A", de Ann Oren (Alemanha/Luxemburgo/Grécia);

"PRINCESA BURRO", de Cristóbal León e Joaquín Cociña (Chile/França/Uruguai/Países Baixos/Alemanha);

"REHMAT", de Gurvinder Singh (Índia/França);

"THE HOUSE ON THE MOON", de Nelson Yeo (Singapura/Taiwan/Alemanha/Indonésia);

"THÍNH GIÁC (HEARING)", de Lê Bao (Vietnã/Singapura/Noruega/França/Indonésia/Arábia Saudita/Camboja/Taiwan);

"VIOLENCE DU CORPS DE L'AUTRE (NOBODY'S VIOLENCE)", de Denis Côté (Canadá).

vel por "Caranguejo Rei" (2019) e "Queimando Por Dentro" (2024) e, enquanto consolidavam uma parceria autoral, os dois integraram a equipe de "Bacurau" (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles.

Envolto num clima de mistério em relação à morte, "A Margem do Rio" trava um diálogo com o cinema erótico conforme um jovem zelador (Caique Copque) assume um trabalho na sede de uma seita evangélica, cujo pastor (Robério Diógenes) é uma figura controladora. Ítalo Martins, Artia Lauandah, Renna Costa e Ísis Broken integram o elenco dessa narrativa de forte dimensão sensorial, que parece confirmar o interesse autoral de Farias e Enock por personagens em conflito com a paisagem e com a própria identidade. A presença brasileira não se limita à competição principal. Na mostra Cineasti del Presente, voltada para primeiros e segundos longas, Ana Vaz apresenta "Hanabi" ("Fire Flower"), reafirmando sua posição entre as vozes mais experimentais do cinema contemporâneo.

Além de "A Margem do Rio", a competição deste Locarno reitera o prestígio conquistado por Giona junto ao cinema de autor mundial. Mesmo situado entre Cannes e Veneza no calendário internacional, o festival helvético conseguiu reunir nomes como o sul-coreano Hong Sangsoo, o canadense Denis Côté, o romeno Florin Serban, o indiano Gurvinder Singh, o italiano Salvatore Mereu e o luso-suíço Basil Da Cunha entre os concorrentes ao Leopardo dourado.

O júri será presidido pelo cineasta belga Fabrice Du Welz. Ao lado dele, na análise de cada título do certame central, estão o produtor Marco Alessi, as atrizes Lolita Chammah e Paulina García e o diretor-executivo do canal Arte Olivier Père.

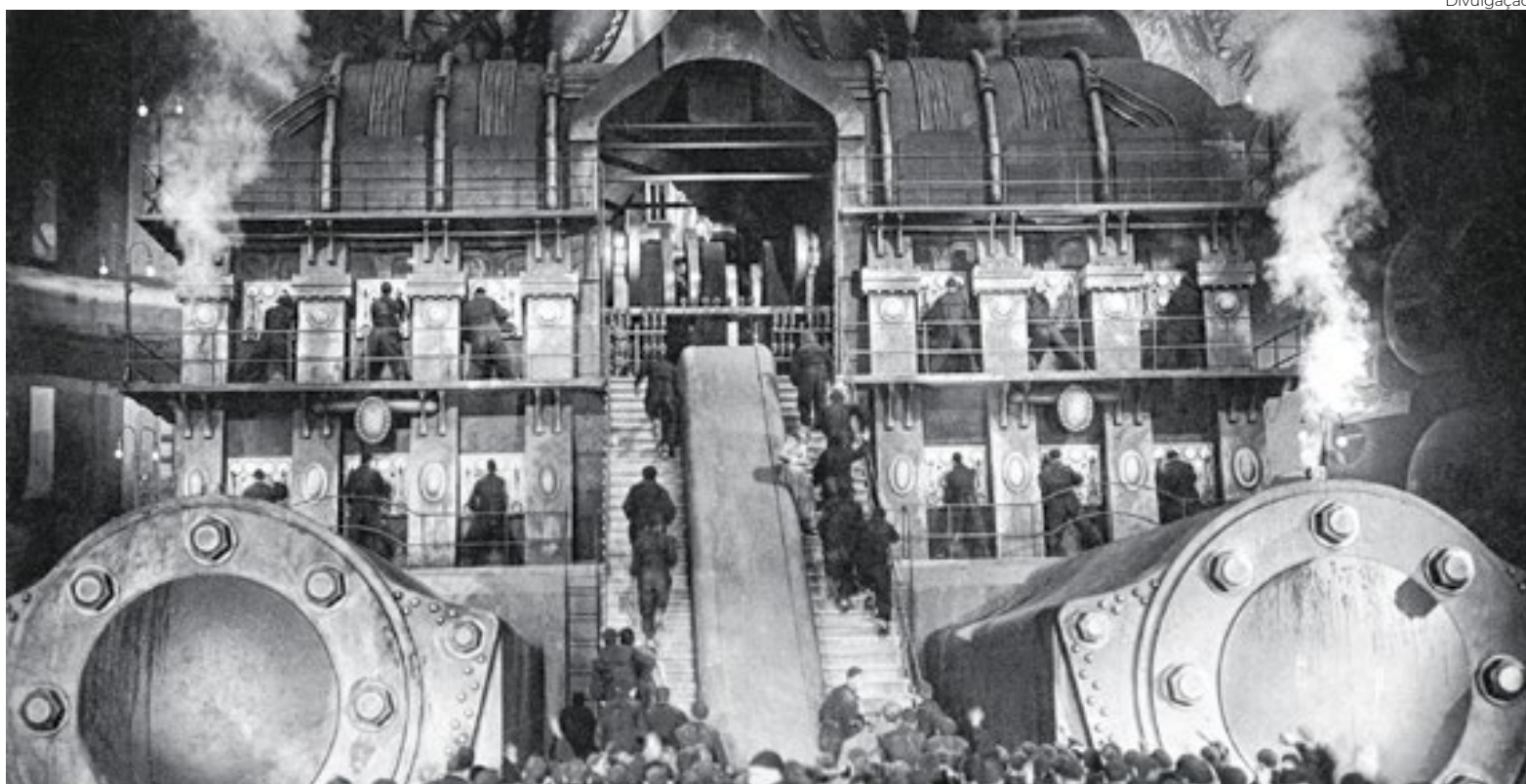
O festival promove uma espécie de esquentar esta noite, com uma exibição da cópia restaurada de "Tubarão", de 1975, em praça pública. De quarta até o dia 15 seguem os trabalhos, sendo que Locarno, desta vez, bateu recorde de inscrições, com 7.759 filmes enviados — cerca de 22% acima do registrado em 2025. Foram selecionadas 233 produções, incluindo 103 estreias mundiais, provenientes de 69 países.

Na tradicional Piazza Grande, montada ao ar livre para milhares de espectadores, será exibido o thriller Paper Tiger, de James Gray, produzido pelo brasileiro Rodrigo Teixeira. Gray será um dos homenageados desta edição, assim como Isabella Rossellini, Asia Argento, Rick Baker e Darren Aronofsky. Todos serão festejados na Piazza Grande, nas sessões Fuori Concorso, que receberão a estreia mundial de "Seize Moments de Ma Vie", novo trabalho do catalão Albert Serra, que é um dos diretores mais badalados do momento.



A cantora Ingrid Caven estrela 'Seize Moments de Ma Vie', de Albert Serra

"Regra 34". Em 2025, "O Rio de Janeiro Continua Lindo", de Felipe Casanova, saiu laureado de lá. Desta vez, o cinema nacional concorrerá na competição principal com "A Margem do Rio", um thriller de alta voltagem queer. Ligado à efervescência de Pernambuco nas telas, o longa-metragem é dirigido por Matheus Farias e Enock Carvalho, que filmaram em coprodução com a Alemanha. Essa dupla é responsá-



Divulgação

Programação que vai e volta no tempo

Considerado um marco da ficção científica, o longa levou 17 meses para ser filmado, impressionando plateias pela combinação de cenários monumentais, arquitetura expressionista e efeitos especiais inovadores

Em meio aos eventos comemorativos do centenário de Metrópolis de Fritz Lang, uma mostra da Caixa Cultural celebra o clássico sci-fi e analisa as narrativas que ele inspirou mundo afora

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

O ráculo premonitório do que a IA faz entre nós, “Metrópolis”, de Friedrich Christian Anton Lang (1890 – 1976), chega aos 100 anos no dia 10 de janeiro de 1927 e seu aniversário já conta com um par de concertos inspirados em sua trilha sonora agendados para abril de 2027 pelas Sinfônicas de San Francisco e do Oregon, nos EUA. Em fevereiro, espera-se uma festa para esse marco da ficção científica na Berlinale. Antes disso, nesta terça-feira (4), o Brasil se antecipa à onda de celebrações desse centenário com uma retrospectiva, na Caixa Cultural que usa o nome do filme como título, ao lado de uma frase explicativa: “Da Invenção do Futuro às Ruínas do Sonho Moderno”.

As 69 atrações selecionadas para

essa maratona dialogam com uma ideia de porvir conectada às reflexões de Lang. Esta tarde, às 15h, tem pérolas como “Ficção Científica Silenciosa: A Conquista do Céu” (de Ferdinand Zecca, lançada em 1901); “Viagem Através do Impossível” (de Georges Méliès, estreada em 1904) e O Futurista Fugitivo (que Gaston Quiribet lançou em 1924). Às 17h30 passa “Seance” (2009), de Christoph Hochhäusler, e “Aelita, a Rainha de Marte” (1924), de Yakov Protazanov.

A programação da Caixa, impecável, vai e volta no tempo, reservando para o aniversariante uma exibição única no dia 21 de agosto, às 17h, com acompanhamento musical ao vivo pelo cantor e compositor Negro Leo. Às vésperas de completar um século, “Metrópolis” reafirma sua pertinência e sua relevância quando se vê narrativas como “Megalópolis” (2024), poema mal compreendido de Francis Ford Coppola. A alegoria de Fritz Lang sobre



Divulgação

“Deserto Vermelho”, a incomunicabilidade catastrofista de Antonioni



Divulgação

“Era Uma Vez Brasi?lia” leva um toque de brasilidade ao evento

desigualdade social, industrialização e luta de classes é uma influência que atravessa gerações: inspirou o nome da cidade do Superman; serviu de referência para a criação visual de C-3PO, da saga “Star Wars”, deixou marcas em videoclipes de Queen e Madonna, além da obra de grupos como Kraftwerk, Motörhead, Ghost e Sepultura. Restaurado ao longo de décadas, após sofrer cortes em seu lançamento, o filme ganhou novo reconhecimento internacional em 2001, ao se tornar a primeira

produção cinematográfica inscrita no Registro Memória do Mundo da Unesco.

Produzido pela UFA durante a República de Weimar, com um orçamento que, nas cifras de hoje, chegaria a 21 milhões de euros, “Metrópolis” foi escrito por Lang em parceria com Thea von Harbou, a partir do romance homônimo publicado por ela em 1925. Considerado um marco da ficção científica, o longa levou 17 meses para ser filmado, impressionando plateias

pela combinação de cenários monumentais, arquitetura expressionista e efeitos especiais inovadores.

A trama acompanha Freder (Gustav Fröhlich), filho do governante da gigantesca cidade de Metrópolis, que abandona sua vida de privilégios ao conhecer Maria (Brigitte Helm), jovem que lidera espiritualmente os operários explorados nas profundezas da metrópole. Enquanto tenta unir as classes rivais, Freder enfrenta os planos de seu pai, Joh Fredersen (Alfred Abel), e do cientista Rotwang (Rudolf Klein-Rogge), inventor de um androide criado à imagem de Maria para manipular os trabalhadores e provocar uma revolta. A jornada culmina na célebre mensagem que sintetiza o filme: “O mediador entre a cabeça e as mãos deve ser o coração”.

Em sintonia com essa trama, a mostra da Caixa Cultural almeja desenvolver os debates abertos por Lang sob o prisma dos 100 anos que separam o tempo atual, época imaginada pelo filme, do tempo de seu lançamento. Curadora da retrospectiva, Manoela Caldas destaca: “Se o futurismo é consequência da crença no projeto de desenvolvimento tecnológico da modernidade, o presente é marcado por uma sensação de perda do futuro, ou, mais propriamente, por uma crise de imaginação do futuro, quando nos vemos diante das catástrofes causadas por esse mesmo projeto.”

Entre os títulos da mostra, estão “O Deserto Vermelho” (1964), do italiano Michelangelo Antonioni, que conquistou o Leão de Ouro e o Prêmio FIPRESCI, da crítica internacional, no Festival de Veneza; “Mundo por um Fio” (1973), do alemão R. W. Fassbinder; “Playtime – Tempo de Diversão” (1967), do francês Jacques Tati; “História de Taipei” (1985), do taiwanês Edward Yang, vencedor do Prêmio FIPRESCI no Festival de Locarno; “Em Algum Lugar, Alguém” (1972), da francesa Yannick Bellon; “Sob a Pele da Cidade” (2001), da iraniana Rakhshan Bani-E'temad; “Palermo ou Wolfsburg” (1980), do alemão Werner Schroeter, ganhador do Urso de Ouro no Festival de Berlim; e “O Auge do Humano” (2016), do argentino Eduardo Williams, vencedor de Melhor Filme na seção Cineasti del Presente, do Festival de Locarno.

Além da programação fílmica, o evento contará com atividades paralelas, como: um curso de três aulas ministrado pelo pesquisador argentino Fernando Martín Peña, especialista no longa “Metrópolis” e responsável por descobrir a cópia completa do filme, dada como perdida e restaurada em 2010; e três debates que procuram discutir os desdobramentos do longa dirigido por Lang em relação à atualidade. Também será distribuído um catálogo com textos e fotografias dos bastidores e inspirações do filme para aqueles que comparecerem a, pelo menos, um evento da programação.

CORREIO CULTURAL



Matt Damon lidera o elenco estelar de 'A Odisseia'

'A Odisseia' se aproxima de US\$ 1 bi

"A Odisseia", de Christopher Nolan, já arrecadou US\$ 900 milhões, cerca de R\$ 4,57 bilhões, em bilheteria global. O longa deve alcançar a marca de US\$ 1 bilhão em ingressos vendidos em breve, se igualando as animações "Toy Story 5" e "Super Mario Galaxy" e "Michael", cinebiografia de Michael Jackson.

O filme de Nolan, porém, está próximo de alcançar a marca mesmo com uma classifica-

ção indicativa mais alta, de 14 anos - "Toy Story 5" e "Super Mario Galaxy" têm classificação livre, o que ajuda a levar mais público para às salas, incluindo adultos e crianças. Por enquanto, "Toy Story 5" é o filme de maior bilheteria do ano. O quinto capítulo da franquia da Pixar ultrapassou "Super Mario Galaxy", segunda adaptação para a telona do videogame da Nintendo, e "Michael".

Vítima de manipulação

Paolla Oliveira afirmou que tem sido alvo recorrente de montagens feitas com inteligência artificial e denunciou a circulação de imagens e vídeos falsos usando sua identidade. Em entrevista ao Fantástico, exibida domingo (2), a atriz relatou que criminosos utilizam seu rosto em conteúdos de teor sexual e em gravações manipuladas que simulam declarações nunca feitas por ela: "Tem fotos minhas na internet que eu nunca tirei, vídeos meus falando coisas que eu nunca disse, corpo circulando por aí com rosto em cima que não é o meu".

Ingressos do RiR

O Rock in Rio liberou para o público as opções de ativação e transferência de ingressos para sua edição de 2026, marcada para os dias 4, 5, 6, 7, 11, 12 e 13 de setembro, na Cidade do Rock, trazendo grandes atrações como Foo Fighters, Elton John e Stray Kids.

Ingressos do RiR II

A organização do festival informa que o acesso ao evento será realizado exclusivamente por meio do aplicativo Quentro, disponível para Android e iOS. Para garantir uma experiência segura, todos os ingressos digitais deverão ser baixados e ativados diretamente no app.

Acervo de Jô vai a leilão beneficente

Criado em 1918 com o objetivo de abrigar profissionais da classe artística em situação de vulnerabilidade, o Retiro dos Artistas tem despesas fixas de R\$ 300 mil e vive de doações. Uma delas acaba de chegar ao espaço. São quadros, potronas, pufes, louças e objetos pessoais do acervo de Jô Soares (1938-2022). As peças estão sendo catalogadas e serão vendidas em um bazar beneficente.



Reprodução.

Um encontro histórico

Gabriel o pensador e Mano Brown unem duas de suas canções mais emblemáticas em single ao vivo que antecipa o acústico do rapper carioca

AFFONSO NUNES

Donos de vozes e rimas históricas do rap nacional, Gabriel o Pensador e Mano Brown lançam primeiro registro juntos nesta quinta (6) em que se comemora o dia nacional do gênero. O single "Pátria Que Me Pariu / Capítulo 4, Versículo 3" é o primeiro recorte do acústico que celebra 33 anos de carreira do rapper carioca. É a primeira gravação oficial reunindo os dois artistas, que se conhecem desde o início dos anos 1990 sem jamais terem registrado algo em conjunto.

A faixa junta duas composições de repertórios distintos. De um lado, "Pátria Que Me Pariu", de Gabriel, canção de crônica social que integra sua discografia solo. Do outro, "Capítulo 4, Versículo 3", dos Racionais MC's, faixa que Brown interpreta como um de seus cartões-de-visita mais reconhecíveis. É o encontro da carioca debochada - e nem por isso menos crítica - com a desndidade das rimas do artista da periferia paulistana.

A gravação aconteceu na Fundação Progresso, durante a captação do audiovisual "Gabriel o Pensador — Acústico 33 Anos", registrado em dezembro de 2025 e com lançamento previsto ainda este ano pela Altafonte.

"Pátria Que Me Pariu", na visão de Gabriel, combina com uma característica que ele valoriza em Brown: a capacidade de contar histórias, o storytelling que o carioca identifica desde os primeiros contatos com o rap americano. Quando decidiu trazer uma música dos



Mano Brown e Gabriel o Pensador se conhecem desde os primórdios do rap nacional, mas nunca haviam gravado em conjunto

“A energia desse encontro ficou muito explícita no palco. Eu me arrepiei, me senti honrado”

GABRIEL O PENSADOR

Racionais para o palco carioca, "Capítulo 4, Versículo 3" veio à cabeça pela força e reconhecimento imediato. "A energia desse encontro ficou muito explícita no palco. Eu me arrepiei, me senti honrado", conta Gabriel.

Brown, por sua vez, lembra a época em que os dois se conheceram. Gabriel chegou a São Paulo jovem, levando uma pasta com letras de rap. Os Racionais já tinham álbuns lançados. "No ano de 1994, os Racionais e o Gabriel protagonizaram ali o rap nacional brasileiro", diz Brown, referindo-se ao

período em que ambos ocupavam posições centrais no gênero. Apesar da admiração recíproca, nunca trabalharam num projeto juntos. "Poderia ter sido na época, sem dúvida", reconhece Brown, que descreve o momento da gravação como carregado de significado: "Muita coisa passou pela minha cabeça."

O single antecede o álbum completo do acústico de Gabriel, que terá como convidados nomes como Lulu Santos, Jorge Benjor, MV Bill, Rael, Jota.pê e Os Garotim.



João Velho
atua e dirige a
montagem do
texto de Guarnieri,
escrito em 1956

Drama familiar no meio da greve

‘Eles Não Usam Black-Tie’, de Gianfrancesco Guarnieri, ganha nova montagem com direção de João Velho

Gianfrancesco Guarnieri tinha 22 anos quando terminou de escrever “Eles não usam black-tie”. Era 1956. O filho de imigrantes italianos, recém-integrado ao Teatro de Arena, havia sido estimulado a compor suas primeiras peças no Seminário de Dramaturgia que Augusto Boal instalara ali como atividade paralela ao Laboratório de Interpretação.

O resultado estreou em 22 de fevereiro de 1958, sob direção de José Renato, e foi celebrado como marco inaugural da dramaturgia

social brasileira: pela primeira vez, o trabalhador urbano ocupava o palco não como caricatura, mas como sujeito histórico, com família, dilemas e uma linguagem que era a sua — simples, espontânea, sem reverência ao teatro de salão. Guarnieri derrubara o estereótipo do favelado, até então reduzido a bandido, malandro ou acomodado político.

A peça volta ao cartaz no Rio numa nova temporada da Única Companhia de Teatro, com direção de João Velho — que também integra o elenco. Neste 2026 completam-se duas décadas da morte de Guarnieri e a temporada reverencia os 90 anos que o ator e dra-

maturgo faria em 2024 — data já celebrada em montagens anteriores deste mesmo espetáculo.

No centro da trama está o jovem operário Tião, que descobre que vai ser pai e, dividido entre o casamento com Maria e o medo de perder o emprego, decide furar a greve deflagrada na fábrica onde trabalha. O gesto o coloca em rota de colisão com o pai, Otávio, velho militante sindical. Ao redor desse conflito — o embate entre o individual e o coletivo, entre a urgência da sobrevivência e a coerência da luta —, Guarnieri constrói um drama familiar ambientado num barraco de favela carioca, com personagens que falam a língua da classe trabalhadora.

É dessa tensão dramática que nasce a força perturbadora do texto. E sua incômoda atualidade. João Velho coleciona relatos de espectadores que se viram na trama, como o de um funcionário dos Correios que, em plena greve da categoria,

saiu do teatro dizendo viver, ali fora, exatamente aquela história. As mobilizações recentes de entregadores por aplicativo e de motoristas de ônibus no Rio ecoam a mesma estrutura de sentimento. “Curiosamente, ou talvez infelizmente, neste momento político, a peça volta a ser extremamente relevante”, observa o diretor. “Ela traz uma discussão muito importante sobre o coletivo e o individual, e o Guarnieri deixa muito espaço para o público tirar as próprias conclusões.”

A obra teve desdobramento cinematográfico. Em 1981, Leon Hirszman adaptou-a para o cinema, com roteiro escrito em parceria com o próprio Guarnieri. O filme — que trazia Carlos Alberto Ricelli como Tião, Bete Mendes como Maria, Fernanda Montenegro como Romana e o próprio Guarnieri como Otávio — conquistou o Leão de Ouro no Festival de Veneza, até hoje o único filme brasileiro a receber a premiação máxima do festival.

Sem abrir mão do respeito ao texto original, a montagem assume referências brechtianas e interação com o público. “Minha intenção é ‘trair com respeito’: oferecer uma nova leitura, quebrar a quarta parede, fazer o público participar e estimular um distanciamento crítico”, explica Velho. “Em vez de apenas provocar emoção, a ideia é também despertar uma reflexão racional.”

No elenco, Pedro Rocha, Nino Batista, Tai Xavier, Laura Campos Braz, João Velho, João Amorim, Vini Venancio, Mara Uchoa, Bruna Kury, Ricardo Lopes e Tatiane Melo dão vida à família de Otávio e aos moradores do morro.

SERVIÇO

ELES NÃO USAM BLACK-TIE

CCJF — Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241, Centro)
De 7 a 30/8, sexta a domingo (19h) | Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Reginaldo Azevedo/Divulgação



'Que Tal o Impossível?',
coreografia inspirada em
canção de Itamar Assumpção

Dança brasileira se expõe ao mundo

Em sua 24ª edição, o Dança em Trânsito cria vitrine internacional para artistas do país

O Dança em Trânsito completou 24 edições sem nunca ter sido um festival apenas de palcos. Fundado em 2002 por Giselle Tápias e Flávia Tápias, ele circula por cidades grandes e pequenas, ocupa praças, promove residências, forma plateia. Neste ano, no entanto, dá um passo diferente: transforma o Rio numa vitrine da dança brasileira para o exterior. A iniciativa se chama "Cena Brasil" e coloca 20 companhias e artistas de 10 estados sob o olhar de programadores, curadores e diretores de festivais da França, Espanha, Itália, Eslovênia, Bulgária, Luxemburgo, Coreia do Sul e Uruguai.

A programação vai de 4 a 11 de agosto, no Espaço Tápias, teatros Carlos Gomes, Nelson Rodrigues e João Caetano e, no domingo, gratuitamente, na Praça Mauá. "A vinda desses programadores abre uma nova e importante perspec-

tiva ao intercâmbio internacional que já promovemos no Dança em Trânsito ao longo dos anos, criando uma ponte direta entre os festivais de diferentes partes do mundo e a produção de dança contemporânea no Brasil, tão diversificada em linguagem, origem e influências, mas muitas vezes sem acesso ao circuito internacional", destaca Giselle Tápias, que assina a direção artística e curadoria ao lado de Flávia.

Há dança afro-contemporânea, como "Em suas marcas", da Cia Corpus Entre Mundos (DF), e "Ekesa Sanko", de Dilo Paulo (Brasília), que narra a jornada de um herói em busca de raízes ancestrais. E também reflexão sobre colonização em "Triz", de Bruno Cezario, e sobre identidade capilar em "Entre fios",

solo de Sarah Raquel (Campinas). Paulo Caldas, do Ceará, traz "Deriva 72", inspirado em "Not I", de Samuel Beckett, no qual a bailarina Carolina Wichoff — 53 anos, 45 de trajetória, artroses avançadas, próteses nos quadris e uma placa metálica no punho — transforma limitações físicas em novos modos de movimento. Um corpo que argumenta contra qualquer ideia de ideal.

A Cisne Negro Cia de Dança (SP) apresenta "Que tal o impossível", obra do coreógrafo Jorge Garcia inspirada na música homônima do compositor Itamar Assumpção, falecido em 2003. Sua filha, Anelis Assumpção assina a curadoria musical e, ao lado da irmã Rubi, participa com sua voz na montagem, um cruzamento entre dança e canção

popular.

O Grupo Tápias, companhia associada ao festival desde as primeiras edições, celebra vinte anos do solo "5 coreógrafos e 1 corpo" no dia 7, com releitura de Flávia Tápias. A obra original foi escrita à dez mãos por Stéphanie Thiersch (Alemanha), Rami Levi (Israel), Thomas Lebrun (França), Pol Coussemont (Bélgica) e Paulo de Moraes (Brasil) — um modelo de coprodução internacional que o festival cultivou desde o início e que agora, com o "Cena Brasil", inverte a direção: em vez de trazer o de fora para cá, expõe o daqui para o de fora.

O domingo na Praça Mauá mantém a marca de abrir a dança contemporânea para a cidade. Sete espetáculos ao ar livre começam



'Todos os Mundos', da
sul cia sul-coreana Lee
K Dance

pelo Bloco Turbilhão Carioca, fundado em 2007 por batuqueiros de oficinas de percussão do Rio, que adapta ritmos brasileiros — do frevo ao funk — para uma bateria de escola de samba. Vem depois o ROTAS Cena Brasil, residência conduzida por Flávia Tápias a partir das matrizes indígena, africana e plural que constituem o país, e fecha com o resultado da residência do esloveno Iztok Kovac.

Criado em 2002, o festival já apresentou mais de 1.290 espetáculos, com cerca de 150 companhias de 22 países, em 43 cidades, para mais de 100 mil espectadores. Integra o Ciudades Que Danzan, rede de 41 cidades. Encerra no dia 11, no Teatro Carlos Gomes, com a coreana LEE K Dance Company e "Hiya – All the worlds", obra inspirada na palavra hebraica que significa "reviver" e que expande a dança para além do corpo humano, incorporando objetos e a maquinaria do teatro à coreografia. Um fecho que sintetiza o espírito da edição: abrir, expandir, fazer circular.

SERVIÇO

24º DANÇA EM TRÂNSITO

De 4 a 11/8

Espaço Tápias (Av. Armando Lombardi, 175, Barra da Tijuca), Teatro Municipal Carlos Gomes, Teatro Nelson Rodrigues, Teatro João Caetano e Praça Mauá. Ingressos populares; apresentações na Praça Mauá são gratuitas.

Programação completa: www.dancaemtransito.com.br